

Corpo, gênero, sexualidade e a construção social dos indivíduos

Beatriz Yolanda Pontes de Gusmão Sá¹

Resumo: O corpo é uma instância que está entre a natureza e a cultura, sendo assim, ele vai sofrer intervenções de acordo com o estilo de vida dos indivíduos e da sociedade em que ele se encontra. O corpo também funciona como uma representação visível e imediata da identidade dos sujeitos, por isso a sociedade impõe e vigia as normas de comportamento sobre o mesmo. Quando surgem sujeitos que vão de contra essas regras, eles são julgados socialmente, é o que acontece com indivíduos que possuem identidades de gênero diferentes das condições físicas e com os homossexuais. É a partir deste debate que o trabalho vai focar na importância e no conflito social do corpo e de seu comportamento tendo principalmente o homossexual como referência e como ator social. **Palavras – chave:** corpo, gênero, identidade, homossexual

Abstract: The body is an instance between nature and culture, accordingly he will suffer interventions of the agreement with the lifestyle of individuals and society in for him to find. The body also works as visible and immediate representation of the subject identity, so imposes a society and as lookout behavior rules about same. When arise subject go against these rules, they are judged socially, this is what happens with individuals have different gender identities of physical conditions and with the homosexuals. And beyond this debate that works will focus on the importance and in the body of social conflict and its tendon behavior mainly homosexual as a reference and as a social actor. **Keywords:** body, gender, identity, homosexual

O corpo é utilizado como meio de observação do outro desde muito tempo atrás. Já antes de Cristo, os egípcios, os gregos e os romanos mostravam preocupação em manter a saúde física e o interesse pelo estudo da anatomia. O corpo ideal já era debatido em algumas sociedades nesta época. As cartas dos viajantes nas ‘descobertas de novos mundos’ mostram que o corpo era um meio de identificação do outro. Este fato pode ser exemplificado nas descrições de cor, tamanho e ainda, de vestimentas dos nativos encontrados nos locais. Estas últimas não fazem parte do corpo, mas são relacionadas a ele. No início dos estudos sociais, as observações corporais geralmente estavam ligadas às representações culturais ou religiosas como uma das maneiras para compreender um pouco sobre as novas sociedades.

É no século XX que o corpo vai ganhar destaque e virar objeto de estudo *per si*, isso ocorre devido às expressões políticas e artísticas que enfatizavam direitos e pensamentos através de expressões e utilização do corpo. Os movimentos feministas, hippies e vanguardistas exemplificam toda a efervescência de destaque para a temática

¹É graduada em Ciências Sociais pela UFPE. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da UFRPE. beatriz.gusmao1@gmail.com.

do corpo, principalmente nas décadas de 1960. Os avanços tecnológicos no que diz respeito à medicina e a cobrança social por padrões do corpo também vão enfatizar o assunto e despertar o pesquisador para o fato de que o corpo está relacionado com várias vertentes como: direito, religião, política, social, saúde, arte, emoção, dentre outros parâmetros que ajudam a entender a organização e desenvolvimento do ser tanto individual, quanto coletivo. Os corpos possuem significados culturais, desta forma, pode-se dizer que eles são uma construção social.

É em meados da década de 1960 que, também, vai ocorrer uma discussão maior sobre as questões de gênero e sexualidade, destacando o sujeito homossexual. Neste debate a análise do corpo se faz uma peça de grande importância para a compreensão de atitudes e questionamentos levantados sobre a condição da orientação sexual perante a sociedade. Isto porque o corpo pressupõe uma identidade pré definida, e ir de ‘contra à natureza’ não é uma situação bem aceita socialmente.

Diante das ideias apresentadas, se faz importante entender como o corpo participa dos significados sociais e como ele é moldado a partir da cultura, destacando o homossexual e a sua representação na sociedade. O ensaio ainda discute como a moda pode ajudar na apresentação da identidade e do corpo dos homossexuais, e ainda, de como a sociedade encara essa orientação sexual.

Corpo: o aprendiz social

Vivemos numa época em que o culto ao corpo é celebrado com fervor. Os padrões de beleza são cobrados pela sociedade muito mais por uma questão de ser esteticamente ‘bonito de se ver’ do que por preocupações com a saúde. A todo tempo surgem exemplos de pessoas que se dizem insatisfeitas com seus corpos e procuram algum tipo de intervenção para modificá-lo ou melhorá-lo. Repara-se assim que, o corpo é moldado pelo contexto social e cultural e que ele promove a mediação do sujeito com o mundo. O estilo de vida particular que o indivíduo adota também vai interferir no processo de experiência e socialização corporal. Diante disso, é importante ressaltar que

a tarefa da antropologia ou da sociologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades (LE BRETON, 2009:29-30).

Para as sociedades mais tradicionais e comunitárias, o corpo e o indivíduo são inseparáveis, por isso ele vai ser o componente da energia coletiva do grupo. Já nas sociedades ocidentais, individualistas, o corpo atua como delimitador de limites, ou

seja, a marca de onde acaba e começa o outro. O corpo é a estrutura na qual os sujeitos sociais estão separados uns dos outros, isso os torna mais autônomos em relação às ações que eles podem realizar em si mesmo.

Sabe-se que o corpo é o instrumento mais natural, antigo e imediato do ser humano, e é assim que Marcel Mauss, em meados da década de 1930, defende que os indivíduos são adestrados corporalmente para a vida em sociedade. Ele se mostrava seguidor das ideias de Comte cuja vida psicológica estaria dividida em dois planos: o social, que se caracterizava com a linguagem, e o fisiológico, sendo uma forma muda, mas necessária para a vida, porque seria através do corpo que os valores, crenças e ordem sociais poderiam se expressar.

Seus estudos sobre as técnicas corporais e suas representações para a sociedade, destacam o corpo como um objeto. Isso fica explícito na citação: “Eu digo as técnicas do corpo [...] entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003:401). O antropólogo afirma que a observação de condutas corporais pode acrescentar para um melhor entendimento dos indivíduos, visto que o uso do corpo vai aparecer como parte do conjunto simbólico da sociedade, da mesma forma que a cultura e a linguagem. Logo, as condutas dos indivíduos são um fator complementar nas relações do grupo. Para classificar as técnicas do corpo, Mauss (2003) ressalta que elas variam de acordo com o sexo, com a idade e com o rendimento dos indivíduos.

Mauss (2003) afirma que a educação vai introduzir as regras de uso do corpo ainda quando se é criança, mas que o indivíduo continua aprendendo com o passar do tempo, durante toda a sua vivência. Assim como ele, Guacira Louro (2010) também defende uma educação corporal que é praticada com ênfase pela escola. Ela ressalta que “a tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 2010:17). O propósito dessa disciplina está voltado em tornar os indivíduos civilizados e aptos para viverem adequadamente na sociedade. A autora destaca o pensamento de Foucault (1993) quando ele afirma que o domínio e a consciência do corpo só podem ser conquistados a partir da apropriação do corpo pelo poder, ou seja, diante da ginástica, exercício, nudez, exaltação do belo e de todo investimento regular sobre ele, por exemplo.

A partir das ideias apresentadas, pode-se focalizar na imagem do jovem urbano e homossexual que está se posicionando como ator social. A princípio, todos os jovens

começam a sofrer mudanças físicas na puberdade. Essas transformações vão ocorrendo em paralelo aos cuidados com o corpo e maneiras de agir aprendidas na socialização da infância. Já na adolescência, o corpo começa a ser um importante fator de identidade, como uma espécie de cartão de visitas. Uma das formas para classificar o outro está ligada à forma de como o corpo é encarado, modelado e de como ele se comporta socialmente. Esses fatores podem interferir na sociabilidade dos jovens, em geral, e nos seus grupos de estilos de vida em comum. Os comportamentos corporais podem mudar ou receberem algum tipo de novos significados devido ao grupo social em que esse jovem se insere. Desta forma, é possível observar comportamentos e palavras que são ressignificadas dentro dos grupos homossexuais. Isto ressalta o fato de que as condutas do corpo continuam sendo aprendidas depois da infância.

O aprendizado do corpo e o fato dele ser construído socialmente a partir das diretrizes e significados culturais trazem consigo as questões de gênero e sexualidade, pois o corpo vai funcionar como expressão da orientação sexual e da identidade de gênero dos indivíduos. Toda cultura manifesta algum tipo de preocupação com a sexualidade, por exemplo; ela chega a definir os papéis sexuais específicos para homens e mulheres. No começo dos estudos científicos, essa questão era encarada apenas pelo lado biológico, mas hoje se afirma que isto vai além da anatomia. Além de transformações no corpo, a sexualidade também vai influenciar no comportamento de cada indivíduo, assim como a identificação do gênero.

Em relação a essa situação de orientação sexual, representação e reconhecimento social, apresenta-se o jovem homossexual e os seus enfrentamentos perante uma sociedade que julga como anormal qualquer tipo de orientação que não seja condizente com a ligação de fatores biológicos e as questões ditas como morais pela cultura.

O corpo e a identidade

O corpo é uma das referências mais explícitas da identidade, como apresenta Weeks (1995): “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar [...] tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos proporcionam” (WEEKS apud LOURO, 2012:14). Como dito anteriormente, a construção dos sujeitos é um processo diversificado, permanente e cultural, no qual o corpo aparece como uma referência visualmente identificável. A sociedade ocidental estabelece os preceitos em torno do

homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo”, e gays e lésbicas serão descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2012:15-16).

Dito isto, volta-se para a realidade da aprendizagem, pois além das maneiras de agir com o corpo, também se assimilam as regras da sexualidade, principalmente na escola, onde os indivíduos têm os primeiros contatos com outros grupos de sociabilidade que não a família. Padrões de gênero e sexualidade são pontos muito importantes para a identidade dos indivíduos. O “comportamento de mocinha” e a dureza masculina são apenas exemplos de condutas incentivadas socialmente, e quando aparece o homossexual ou o indivíduo que tem uma identidade de gênero diferente do biológico, eles são apontados. Sobre a orientação sexual, é o que Peter McLaren (1995) citado por Louro (2010) chama de *apartheid sexual*. Repara-se que o que realmente aborrece é a manifestação pública das orientações sexuais e/ou reconhecimento de gêneros diferentes, pois se o “outro” não souber dessa condição, o tratamento será como para feito para os que “estão dentro” dos padrões sociais.

Relações entre pessoas do mesmo sexo ocorriam desde a antiguidade, em Roma e na Grécia, por exemplo. Os casos ocorriam entre um homem mais velho e um jovem passivo. Esse homem mais velho tinha relações com mulheres e o garoto não sofria nenhum julgamento se ocupasse seu lugar de ‘ativo’ na vida adulta. Há relatos de uma cultura travesti no século XVIII, em Londres, segundo Weeks (2010). Com a divisão sexual dos papéis sociais, os estigmas foram intensificados, neste mesmo século. Na década de 1930, a homossexualidade foi encarada como doença mental e existiam tratamentos para reverter o quadro pernicioso. Durante a Segunda Guerra Mundial, homossexuais eram submetidos a terapias pesadas com remédio que desestruturavam seu corpo. Mesmo com o fim da guerra, a homossexualidade continuou sendo crime, levando a prisão e a continuação de tratamentos. Milhares de homossexuais morreram mesmo depois da guerra, sobretudo na Europa. Com a liberdade *gay*, em 1969 nos Estados Unidos, a homossexualidade se tornou discurso científico com novas explicações, o que levou aos homossexuais uma vida menos escondida perante a justiça, mas não livre dos julgamentos sociais.

Um fato que veio a retomar os discursos de doença contagiosa para a homossexualidade foi o advento da AIDS, por meados de 1970/1980. Era disseminado

na sociedade que a síndrome viral estava relacionada aos homossexuais devido à vida sexual desregrada que eles levavam. Sobre isto, pode-se remeter ao estudo de pureza e perigo da Mary Douglas (1966), visto que com a religiosidade muito forte na Idade Média, surgiu essa divisão na sociedade. Neste caso, o homossexual é percebido como impuro e perigoso, dado que ele transgride as normas sociais e é encarado como nocivo devido à epidemia da AIDS. Desta forma,

A AIDS tornou-se mais do que um conjunto de doenças: ela se tornou uma poderosa metáfora para a nossa cultura sexual. A resposta à AIDS tem sido vista como um sinal de nossa confusão e ansiedade crescentes sobre nossos corpos e suas atividades sexuais (SONTAG apud WEEKS, 2010:37-38).

A mesma relação de impureza e perigoso pode ser associada aos indivíduos que possuem uma identidade de gênero diferente da biológica, tendo em vista que eles também desobedecem às leis naturais. A sociedade, em geral, também o aponta como anormal.

Deve-se lembrar de que a sexualidade vai muito além do corpo, pois esta rodeada de significados culturais, crenças e ideologias. Ela é uma questão natural e individual, mas imbuída de fatores políticos, relações de poder e regulação social. Sendo assim, ao se apresentar como homossexual, o indivíduo assume uma condição específica em relação aos códigos sociais. Cada sociedade vai ter a sua forma de categorizar os 'normais' e os estigmatizados, de acordo com Goffman (1988). As atitudes podem ser de violência, de vitimização ou ainda de beatificação, porém percebe-se que na sociedade atual ainda é grande as situações de violência contra quem tem diferentes orientações sexuais ou de gênero, para exemplificar essa realidade pode-se falar do Brasil que está entre os primeiros do ranking de violência aos indivíduos que se identificam dessas formas. Por isso, assumir tal identidade é ainda tão difícil e se faz tão necessário o debate deste problema social.

Segundo Weeks (2010) existem quatro fases na construção de uma identidade pessoal estigmatizada, seriam: a sensibilização, no qual o sujeito se torna consciente da sua diferença em relação à norma; a significação, que é o processo de atribuir sentido as diferenças; a subculturização, que está relacionada ao reconhecimento com o grupo e a estabilização, o estágio em que ocorre a aceitação dos sentimentos e estilos de vida. Neste processo de aceitação, o corpo e a maneira de agir podem ser fatores importantes, tendo em vista que é possível promover mudanças em relação a gestos, cortes de cabelo,

transformações físicas, diferenciação na voz e fazer uso de um vestuário que o indivíduo se sinta mais confortável diante das suas orientações e reconhecimento.

Assim, surge um problema, pois ao mesmo tempo em que expressões de identidades de gênero diferentes e homoafetivas públicas ainda sejam condenadas por uma parcela da sociedade, causando inclusive agressões físicas, por outro lado segmentos como moda e movimentos sociais colocam o homossexual e o transgênero como ser social atuante que tem direito a ter direitos iguais. É aí que está o ponto chave da representação desse paradoxo.

Corpo, estética e moda

A relação de corpo e gênero é bastante complexa, pois se ver em um corpo no qual não se encaixa e aceitar o fato de se permitir ser o que se sente são realidades muito difíceis de entender. Segundo relatos de indivíduos que possuem uma identidade de gênero que não condiz com o físico, o processo de compreensão e aceitação é bastante conflituoso. A teoria Queer vem mostrando exatamente os conflitos que permeiam essa situação. A familiaridade entre corpo e gênero é algo que, hoje se reconhece, está para além das condições biológicas. É importante ressaltar que é um vínculo que está diretamente relacionado, visto que o corpo físico vai dar as primeiras referências de identidade de si para o outro. Sendo assim, há uma regulação social, no qual a sociedade vigia e controla as questões entre corpo, gênero e sexualidade, isto é o que Foucault (1993) vai denominar de ‘biopoder’. Julgando o que é normal ou anormal, ocorre uma plena associação entre o corpo e a identidade de gênero aceitável.

Muitas teorias afirmam que a identidade homossexual não está limitada apenas às relações sexuais, mas sim a todo um estilo de vida, linguagem e valores próprios. Como dito anteriormente, o corpo e a aparência fazem parte da declaração pública dessa identidade, quando assumida, e assim, a moda também vai ser um aliado do processo. As demandas de modificação corporal são possíveis através de hormônios, cirurgias plásticas, ou ainda, de modificações no cabelo e até mesmo da voz. A discussão maior sobre a estética, neste caso, é o fato das modificações irem de contra os fatores biológicos, em se transformar num outro diferente do que já estava determinado pela natureza, isto também serve para as mudanças de gênero. O conceito de estética utilizado aqui vai além do belo, ele está mais próximo que seria o confuso, o que não é normal. A dimensão da estética fica clara em Dutra (2002)

a informação estética não é verbal, mas vincula mensagens [...] a construção da própria aparência põe em jogo as características de uma cultura e de uma

história específica, na medida em que qualquer diferença de identidade oferece uma superfície visível ao olhar social (DUTRA, 2002:360).

É viável fazer a ligação entre a afirmação e a contestação de direitos em relação às identidades relativas às orientações sexuais e o esforço que o sistema econômico vem fazendo para colocar o homossexual como nicho de mercado. Com isto, observa-se que a lógica do capitalismo acaba absorvendo os movimentos culturais e sociais para transformá-los em mercadoria. Segundo Mira (1997) o consumo acaba sendo um fator importante para que os grupos ou movimentos que foram historicamente discriminados consigam a auto estima. Os produtos vão fortalecer a identidade pessoal dos consumidores e é exatamente esse o interesse da segmentação que o mercado promove.

Sendo assim, a moda se coloca como uma das expressões mais ativas do mercado, haja vista que ela funciona como agente duplo, como afirma Lipovetsky (1989): ela individualiza a identidade dos sujeitos e também, aproxima os grupos específicos de acordo com cada estilo. O vestuário vai revelar mensagens mais ou menos claras para a identificação dos grupos sociais, “ao ser socializado, um indivíduo irá aprender que há nítidas diferenças nas formas de vestuário masculino e feminino” (DUTRA, 2002:362). O autor ressalta ainda que existe um tipo de piada comum que diz “onde você comprou essa roupa tem para homem?”, com isso, Dutra (2002) chama atenção para o fato de que o vestuário contém implicações com os papéis e identidades sexuais de uma sociedade. A intolerância com a diversidade acaba gerando um rigor e uma vigilância sobre o vestuário masculino.

Em um depoimento realizado com uma expositora da feira de moda que pesquisava para o seu trabalho, Dutra (2002) coletou a seguinte informação sobre o público homossexual: “o sentimento de liberdade por fazer uso deliberada e irrestritamente dos seus próprios corpos, pela roupa que vestem, dá a essas pessoas a sensação de estar à frente do seu tempo, uma idéia de progresso” (DUTRA, 2002:394). Foi identificado neste mesmo trabalho que a relação com a moda diminui à medida que vai de homossexuais para heterossexuais e que os primeiros são mais exigentes. A apropriação da moda pelos homossexuais indica uma reivindicação sobre a utilização de seus próprios corpos, do mesmo modo que acontece com os indivíduos que se entendem com um gênero diferente do biológico.

Considerações finais

Este trabalho coloca em debate a construção social de um corpo e das normas que são aprendidas para que os indivíduos vivam em sociedade. Com isso, destaca-se que há uma relação de poder muito forte sobre os corpos e, conseqüentemente, sobre o gênero e a sexualidade dos sujeitos. Isso leva a uma forte pressão sobre os homossexuais e todos os que possuem uma diferente orientação sexual ou de gênero.

A aceitação de diferentes orientações sexuais e mudanças de identidade de gênero ainda sofre resistência por grande parte da sociedade. É importante destacar que atualmente existem leis que amenizam as ações verbais e físicas de preconceitos, mas isto não significa dizer que elas impeçam essas atitudes de intolerância e de falta de respeito para com o outro se tornarem fatos. Em contrapartida, observa-se, por exemplo, o esforço que o mercado faz para trazer o homossexual como sujeito de direitos, defendendo o seu poder de compra e livre manifestação. Esse paradoxo coloca em evidência como o sistema econômico vai se apropriar das situações sociais em seu favor e de como isso acaba, de certa forma, ajudando as minorias a gritarem pelos seus direitos de igualdade social.

O debate para o esclarecimento sobre esses fenômenos também ocorre com mais frequência e liberdade na contemporaneidade. Além disso, há um esforço acadêmico com muitas teorias e crescentes quantidades de estudos realizados na tentativa de compreender ainda mais as relações desses universos.

Referências Bibliográficas

- DOUGLAS, M. 1966. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- DUTRA, J. L. 2002. "Onde você comprou esta roupa tem para homem?": a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda". In GOLDENBERG, M. (org): *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. pp. 359-411. Rio de Janeiro: Record.
- FOUCAULT, M. 1993. *A história da sexualidade*. V 1. Rio de Janeiro: Graal. 11ª ed.
- GOFFMAN, E. 1988. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- LE BETRON, D. 2009. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes. 3ª ed.
- LIPOVETSKY, G. 1989. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOURO, G. L. 2010. "Pedagogia da sexualidade". In LOURO, G. L. (org.): *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. pp. 9-34. Belo Horizonte: Autêntica.
- MAUSS, M. 2003. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 9-45; 399-422.
- MIRA, Mª C. 1997. *O leitor e a banca de revista: o caso da Editora Abril*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade de Campinas.

WEEKS, J. 2010. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G. L. (org.): O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. pp. 37-82. Belo Horizonte: Autêntica.